

AS NARRATIVAS INFANTIS E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Vanete Maria da Cruz

RESUMO

A narrativa de crianças pequenas se constitui como um processo que envolve questões lingüísticas, psicológicas e filosóficas. A contação de história nas escolas era uma forma de distrair as crianças e hoje vem ressurgindo a figura do contador de histórias. A contação de história instiga a imaginação, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo. Este artigo apresenta uma reflexão sobre a importância das narrativas produzidas pelas crianças e seu desenvolvimento na constituição individual de cada um. Relembrando que o desenvolvimento deste processo não se dá de maneira idêntica e universal para todas as crianças, pois o desenvolvimento ocorre na unidade social-individual de maneira recursiva conforme a singularidade de cada criança. Com a sua entrada no universo das palavras, a criança está em uma nova etapa, cujo significado das palavras se encontra a unidade do pensamento verbal, elemento básico da construção teórica de Vigotski. A relação entre pensamento e fala é estreita no significado das palavras, pois se apresenta como um fenômeno de pensamento à medida que ganha corpo por meio da fala, e se torna um fenômeno de pensamento da fala em que está ligada ao pensamento. Isto é, o pensamento verbal ou fala significativa representa a união da palavra e pensamento.

Palavras-chave: Contação de história. Narrativas. Linguística.

ABSTRACT

The narrative of small children is a process that involves linguistic, psychological and philosophical questions. Storytelling in schools was a way of distracting children, and today the storyteller is reemerging. Storytelling instigates imagination, orality, encourages the taste for reading, contributes to the formation of the child's personality involving the social and the affective. This article presents a reflection on the importance of narratives produced by children and their development in the individual constitution of each one. Recalling that the development of this process does not occur in an identical and universal way for all children, because development takes place in the social-individual unit recursively according to the singularity of each child. With its entrance into the universe of words, the child is in a new stage, whose meaning of words is the unity of verbal thought, basic element of the theoretical construction of Vygotsky. The relation between thought and speech is narrow in the meaning of words, for it presents itself as a phenomenon of thought as it gains body through speech, and becomes a phenomenon of thought of speech in which it is linked to thought. That is, verbal thinking or meaningful speech represents the union of word and thought.

Keywords: Storytelling. Narratives. Linguistics.

1 INTRODUÇÃO

A arte de contar histórias existe a muitos séculos, havendo relatos bem antes do surgimento da escrita e foi assim que memórias foram transmitidas vivas pelo tempo, salvas pelos narradores. Desde sempre o homem narrou, contou histórias faz parte da capacidade humana de fabular, fantasiar e criar. O homem deixou de ser primitivo para ser narrador agente de sua história sonhada, fabulada, narrada e imaginada. O homem se construiu ao ouvir e ler histórias, pois faz parte de sua formação humana. É uma expressão que o ajuda a lidar com seus anseios, angústias, conflitos e buscas. É uma prática que nos é intrínseca, pois nos fazemos homens quando ouvimos o outro e lemos para o outro. Hoje os contadores de histórias deram lugar aos livros que narram histórias em silêncio. O livro fixou, por escrito, as qualidades de ensinamentos necessários à formação humana que, outrora, era transmitida oralmente. Sendo assim, os livros passaram a desempenhar um papel muito importante. “[...] As bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com as vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entre meadas às narrativas.” (MEIRELES, 1984, p.49). O livro serve para ensinar, por vezes, trata da moral, de conhecimentos didáticos ligados à vida escolar, trata de aspectos emocionais que ajudam as crianças a lidarem com seus conflitos internos, auxiliando as a viverem e a compreenderem-se melhor. O livro infantil não é meramente magia e fantasia, pois ele conta uma história que pode vir a ser interpretada e experimentada de maneiras ímpares, dependendo do leitor. Ao ler a história, o leitor vive a vida do personagem, passa a pertencer àquele mundo, experimenta cada emoção, sensação, amor ou desamor. O livro é um “objeto mágico” que nos transporta para qualquer lugar e nele cabe o mundo, assim, deve despertar o encantamento que, ao abrirmos, sintamos sempre uma diferente emoção, pois se o amamos, eles ficam na memória e não nos deixam mais. Como também afirma Cunha (2008, p.114): “[...] O prazer do livro lido, guardamos, quase sempre, no segredo de nosso ciúme. A leitura de um livro não deve ser por obrigação somente, mas por prazerosa necessidade. [...] A leitura alimenta nossa inteligência...” Em nossa cultura popular sempre tivemos a figura do contador de histórias: a avó, a mãe, o tio, enfim, alguém que sabia com maestria e sentimento narrar fatos enchendo de magia a vida de todos nós. No entanto, atualmente a arte de contar, ler e ouvir histórias tem perdido sua força e seu encanto.

As histórias narradas sempre acompanharam a vida do homem em sociedade. Por meio delas, foi possível a preservação da cultura. Durante muito tempo, foram a única fonte de aquisição e transmissão do conhecimento. A narrativa é a arte de contar histórias que é tão antiga quanto o homem. A contação de história estimula a imaginação, retrata pessoas, lugares, acontecimentos, desejos e sonhos, favorecendo o processo da aprendizagem. Ouvir e recontar histórias se constitui como uma prática cultural que a humanidade desempenha desde a Antiguidade e permanece até os dias atuais. Como uma atividade humana que tem na centralidade da linguagem, a possibilidade de comunicação e compartilhamento de fatos, acontecimentos, ideias e experiências. As histórias narradas oralmente têm um papel importante na constituição social da criança.

Segundo Sandroni e Machado (1991, p. 12) “a criança percebe desde muito cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer”. As crianças quando pequenas se interessam pelas cores, formas e figuras que os livros possuem e que mais tarde, darão significados a elas. A partir disso, ela começa a gostar dos livros, percebe que eles fazem parte de um mundo atraente, onde a fantasia apresenta-se por meio de palavras e desenhos. De acordo com Sandroni e Machado (1991, p.16) “o amor pelos livros não é coisa que aparece de repente”. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Assim, pais e professores têm um papel fundamental nesta descoberta: serem estimuladores e incentivadores da leitura.

Vale ressaltar, que estamos vivendo numa geração em que a mídia e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis às crianças; as informações chegam pelos meios de comunicação ampliando os horizontes e os conhecimentos. Os livros estão sendo deixados de lado, as histórias estão sendo esquecidas, o que torna um desafio para educador fazer com que as crianças em idade escolar tomem gosto pela leitura e façam do livro o seu principal objeto de estudo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIAS

A sociedade atual “ainda” em um ritmo tão acelerado que tem tirado o tempo dos filhos com os pais, o tempo da história antes de dormir, muitas vezes salientada nos filmes e novelas, ou seja, no mundo virtual. São necessárias pequenas ações, como por

exemplo, a criança ver adultos lendo para que observe que o livro pode ser um “bom companheiro” que ajuda nos processos de pensar e ressignificar os medos, as angústias, as alegrias. A vida é uma gigantesca biblioteca com muitos livros que precisam ser abertos e lidos. Antes de haver a biblioteca, havia o convívio humano e familiar, a aprendizagem vinha pelo ouvir e hoje vem pelo ler. Em meio a esses apontamentos sobre a questão da substituição da contação de histórias pelo livro, imperou como necessário a observação da prática educativa de uma escola no que tange a dinâmica do Espaço da Sala de Leitura e/ou Biblioteca.

O ato de ouvir histórias se constitui como uma prática cultural desde a antiguidade, por meio delas a humanidade escreveu sua história ao longo dos séculos. E quanto mais uma história era ouvida, mais começava a fazer parte da vida daquela pessoa ou comunidade. A repetição de histórias é uma prática comum entre as crianças pequenas, que quando gostam de determinada história, pedem para ouvir inúmeras vezes. Benjamin (2012) atribui à prática laboral coletiva a continuidade das narrativas, pois enquanto as pessoas mantinham o corpo ocupado, suas mentes eram povoadas por inúmeras histórias.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde por que ninguém mais fia tece enquanto ouve uma história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido (BENJAMIN, 2012, p.221).

Como promover nos dias atuais o desenvolvimento desta prática? Como e onde oferecer este momento coletivo para as nossas crianças ouvirem histórias? Será em casa, onde TV, computador e celulares ocupam a centralidade? Será na escola, onde muitas vezes, nenhuma história é sequer lida para as crianças? Será nos espaços públicos, local onde as crianças são muitas vezes invisíveis? Estes questionamentos nos ajudam a pensar sobre a condição da contemporaneidade em criar uma geração cada vez mais individualista e muda em relação às práticas narrativas. Pois, se constitui como narrador, parte do princípio de ouvir e ouvir muitas e muitas histórias, que pouco a pouco vão constituindo este ser, que não domina apenas o código, mas recheia de experiências suas e/ou dos outros, suas próprias narrativas. “O narrador infunde a sua substância mais íntima também naquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira”. (BENJAMIN, 2012, p.240)

As primeiras produções infantis foram realizadas por professores e pedagogos no final do século XVII e durante o século XVIII. Coelho (2001) afirma que “estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la.” (COELHO, 2001, p.31).

A contação de histórias está ligada ao imaginário infantil. O uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura; a ampliação do vocabulário, da narrativa e de sua cultura; o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o desenvolvimento cognitivo, a relação entre o espaço do indivíduo com o mundo social, resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças. A contação de histórias é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Essa arte remonta à época do surgimento do homem há milhões de anos. Contar histórias e declamar versos constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita. Na cultura primitiva, saber ler, escrever e interpretar sinais da natureza era de grande importância, porque mais tarde iam se tornar registros, com os quais seriam relatadas coisas do cotidiano que poderia ser lido e compreendido pelos integrantes do grupo.

Desde aqueles tempos remotos e ainda hoje, a necessidade de exprimir os sentidos da vida, buscar explicações para nossas inquietações, transmitir valores de avós para netos têm sido a força que impulsiona o ato de contar, ouvir e recontar histórias.

A contação de histórias é uma atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p.4).

Dessa forma, utilizar a contação em sala de aula faz com que todos saiam ganhando, tanto o aluno, que será instigado a imaginar e criar, quanto o professor, que ministrará uma aula muito mais agradável e produtiva e alcançará o objetivo pretendido: a aprendizagem significativa. Além disso, as histórias ampliam o contato com o livro para que os alunos possam expandir seu universo cultural e imaginário e, através de variadas situações, a contação de histórias pode: intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, provocar o riso, a perplexidade, o encantamento etc. Ou seja, ao se contar uma história, percorre-se um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo. As histórias despertam no ouvinte a imaginação, a emoção e o fascínio da

escrita e da leitura. Afinal, contar histórias é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar... pela história... pela leitura. A contação de história é fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção, em que o lúdico e o prazer são eixos condutores no estímulo à leitura e à formação de alunos leitores.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é um processo constante que se inicia muito cedo, em casa a partir do que a criança tem contato no dia a dia, deve-se aperfeiçoar na escola e continuar pela vida toda. Os sentidos atribuídos a esta atividade de reconto oral pelas crianças são singulares, pois cada indivíduo é singular na sua constituição histórica, social e subjetiva. A contação de histórias é uma prática cada vez mais presente na escola. Ora se desenvolve a partir do planejamento do professor, ora a escola recebe a visita de um contador, ora ela permeia os espaços culturais. O professor, através de sua formação, tem contato com diversas possibilidades de integrar a literatura em sua aula.

A ação de contar histórias deve ser utilizada dentro do espaço escolar, não somente com seu caráter lúdico, muitas vezes exercitado em momentos estanques da prática, como a hora do conto ou da leitura, mas adentrar a sala de aula, como metodologia que enriquece a prática docente, ao mesmo tempo em que promove conhecimentos e aprendizagens múltiplas.

Sendo assim, acredita-se que é estimulando as crianças a imaginar, criar, envolver, que se dá um grande passo para o enriquecimento e desenvolvimento da personalidade, por isso, é de suma importância o conto; acredita-se, também que a contação de história pode interferir positivamente para a aprendizagem significativa, pois o fantasiar e o imaginar antecedem a leitura. Utiliza-se da leitura, através da contação de histórias, como metodologia para o desenvolvimento dos sujeitos e melhoria de seu desempenho escolar, respondendo a necessidades afetivas e intelectuais pelo contato com o conteúdo simbólico das leituras trabalhadas. A leitura é uma ato indispensável na vida de todo indivíduo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2004.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SANDRONI, Laura, Machado, Luiz. **A criança e o livro**. São Paulo: Editora Ática, 1991.